

240

**AS EMPRESAS FAMILIARES DO VIADUTO OTÁVIO ROCHA: PRÁTICA DE UM OFÍCIO OU O GANHA PÃO DOS PERMISSIONÁRIOS?** *Deise Luiza da Silva Ferraz, Neusa Rolita Cavedon*  
(Depto de Ciências Administrativas, Escola de Administração - UFRGS)

A Avenida Borges de Medeiros configura-se como uma das mais movimentadas artérias do perímetro central da cidade de Porto Alegre, sobre a mesma um imponente monumento, na cor cinza, chama a atenção de algumas pessoas que por lá circulam, trata-se do Viaduto Otávio Rocha. Na parte inferior do referido viaduto, inúmeras portas vermelhas em forma de arco dão acesso ao interior de pequenas lojas, seus proprietários (permissionários da Prefeitura) e colaboradores, via de regra, são integrantes de uma mesma família. A presente pesquisa tem por objetivo verificar a trajetória familiar e profissional desses permissionários, bem como identificar os aspectos simbólicos que fazem parte desse *locus* comercial da cidade. A consecução desse objetivo vem se dando através da interdisciplinaridade estabelecida entre os referenciais teóricos, da Antropologia e Administração, e mediante o fazer etnográfico, tendo por técnicas de pesquisa a observação participante e as histórias de vida. O estudo, em agosto e setembro de 2002, encontra-se na fase inicial da coleta de dados, mas já revela, a priori, características tradicionais, próprias das famílias da Idade Média, época em que os ofícios eram ensinados pelos pais aos filhos e o trabalho possuía um fim em si mesmo. Por outro lado, os dados também apontam para as características das empresas familiares nos dias atuais, onde o trabalho nessas organizações pode representar apenas a subsistência familiar, pondo à mostra que nem sempre o trabalho apresenta-se de modo prazeroso, mas sim permite a obtenção de recursos que serão revertidos para a sobrevivência e, na medida do possível, para o lazer da família, esse último a real instância de realização. Lugar de trânsito intenso de pessoas, esse espaço ocupa no imaginário daqueles que lá se instalaram com seus negócios uma face negativa: a da violência que se revela, como inerente ao cotidiano de quem comercializa os seus produtos e serviços no viaduto, sob a forma de um certo pessimismo. (PIBIC/CNPq)